

O CORDEL DE CORIOLANO: UM NARRADOR NO SERTÃO DE OS DESVALIDOS

ALDAIR SMITH MENEZES*

– Lampiããããã morreeeeu!... (DANTAS, 1996:11).

O romance *Os desvalidos*, de Francisco José Costa Dantas, tem início com o grito: “Lampiããããã, morreeeeu!...”. Este grito é portador de muitos significados, pois, enquanto estrutura significante, ele é em si portador de uma potência de significância. Logo, as múltiplas significações que o envolvem, tanto no aspecto da forma, quanto no aspecto do enredo, permitem leituras variadas. Grito que expressa diferentes perspectivas de observação a um mesmo tempo, em um espaço onde sua percepção é marcada por características peculiares. Tem-se a demarcação do tempo, do espaço, dos personagens, da vida, da morte e da memória. Tudo isso é expresso em um único fôlego. Uma expressão que indica a configuração de tempo e de espaço, o cronotopo no romance, como diz Michael Bakhtin, sem que haja a necessidade de mensurá-los explicitamente.

A esse respeito, Bakhtin esclarece que o cronotopo é a “interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura”, em sua “expressão de indissolubilidade” (1998:211). Ao falar das personagens criadas no universo narrativo de Rabelais, este autor afirma que “a qualidade, e a sua expressão espaço-temporal (...) estão ligadas desde o começo na unidade indissolúvel de suas personagens” (idem:283). Este tipo de observação pode ser atribuído às personagens de Dantas em *Os desvalidos*. Personagens que se encontram marcadas por um cronotopo que identifica o sertão e as relações de poder ali existentes durante a primeira metade do século XX. Observação que possibilita desvendar as potências de significação do texto literário, auxiliando assim o trabalho do crítico, que revela aspectos muitas vezes despercebidos ao olhar de um leitor comum, de modo que o papel do crítico torna-se

*Mestre em letras pelo NPPL/UFS, Membro da Associação Psicanalítica de Aracaju, professora da Secretaria Estadual de Educação de Sergipe e da Secretaria Municipal de Educação de Aracaju.

possível a partir de um olhar que possibilite compreender, mesmo parcialmente, o dito e o não-dito em um texto.

Assim, pode-se observar que a expressão inicial que a notícia da morte de Lampião permite trazer, a partir da memória de Coriolano – um dos personagens-narradores do romance – lembranças suscitadoras de tensões, interesses e imagens dos cangaceiros dos grupos de Lampião, e particularmente da atuação de seu líder, no contexto social, cultural, temporal e espacial em que ele atuou na última fase de sua vida. Momento histórico marcado pelos imperativos do Estado Novo, entre o agreste e o sertão dos estados de Sergipe, sobretudo, da Bahia e de Alagoas, de modo complementar, no final dos anos 1930 (CHANDLER, 1986:213-259).

Mas o que haveria de peculiar na narrativa de Coriolano sobre o sertanejo e sobre o cangaço na obra *Os desvalidos*? Como a análise de seu estilo narrativo desnuda as relações sociais no sertão d'*Os desvalidos*? Essas questões entendidas à luz dos estudos culturais descortinam sujeitos, atitudes e cenários de uma época e de uma região do país onde as pessoas encontravam-se premidas entre o apego aos valores de sua formação colonial e as demandas pós-coloniais (HALL, 2003:101-130). A percepção literária desse misto de realidade histórica e de criação ficcional, apreendido pelos escritores, encontra no homem quixotesco a configuração dos processos de metamorfose e hibridismo resultante do encontro entre a tradição e a modernidade: duelo entre a palavra dada e a inserção em um futuro de “oportunidade” e “liberdades”, um contraponto a valores de um passado que persiste e parece não querer ceder lugar aos valores de uma modernidade que se anuncia, mas reluta em se democratizar (VECCHI, 2001:457-469).

Estas características são passíveis de serem observadas através do foco narrativo que engloba as perspectivas de dois personagens-narradores em *Os desvalidos*: Lampião e Coriolano. O primeiro, visto a partir de uma perspectiva mais humanizada, revela a ambivalência de sua trajetória e de seus dilemas; e o segundo, dando voz à trama a partir de suas lembranças, mostra as faces de homens e mulheres que, embora não tivessem aderido ao cangaço, buscavam estratégias para sua sobrevivência em meio à inospitalidade do clima – nos períodos de seca – e às assimetrias sociais do sertão nos tempos do cangaço e do coronelismo.

Já Coriolano, personagem simples e de valores firmes, descortina, em seu discurso, o impacto de acontecimentos que se desenrolam em um passado patriarcal e oligárquico. Um passado em que a violência social é resultante dos efeitos de uma modernização inconclusa sobre a cultura dos homens e das mulheres do sertão (BRESCIANI , 2001:403-430). Esse tipo de particularismo histórico se associa às situações em que o desenvolvimento do capitalismo não conseguiu envolver plenamente indivíduos que, presos a alguma forma de dominação, tradição ou costume, não foram englobados pela ideia de cidadania consumista imposta pela sociedade de mercado. Dessa forma, a presença de sujeitos desvalidos na obra de Francisco J. C. Dantas revela um dos motes para se pensar à narrativa do romance a partir daqueles que ficaram à margem da sociedade.

Pensando a partir desse horizonte de ideias, o objetivo desta comunicação é de compreender como as lembranças narradas pelo personagem Coriolano, esculpido no estilo literário elaborado por Francisco J. C. Dantas em *Os desvalidos* – cotejada a partir do diálogo com os estudos culturais e a psicanálise – possibilita compreender a ficção sobre o cotidiano de um homem em meio às tensões impostas pelo cangaço e pelo coronelismo no sertão dos desvalidos, uma representação literária inspirada em memórias de homens e mulheres comuns do Estado de Sergipe e da região fronteira dos Estados da Bahia e de Alagoas entre o final do século XIX e as quatro primeiras décadas do século XX. E neste sentido, discutir como as narrativas de Coriolano revelam códigos e assimetrias sociais existentes no cronotopo em que se desenrola o enredo da obra em tela, ou seja, no contexto dos últimos anos de atuação do bando de Virgulino Ferreira, o Lampião.

Dessa forma, à luz dos estudos culturais, é possível melhor dimensionar as representações sobre o cangaço presentes na obra *Os desvalidos*, que, aparentemente de caráter conservador, ressignifica a figura de Lampião e dos personagens que orbitam em torno de seu universo social e cultural. Neste sentido, a obra suscita dois pontos de vista constitutivos da narrativa: o de Lampião e o dos demais personagens, em particular o de Coriolano. Tem-se aí a possibilidade de conhecer o cangaço de modo mais aprofundado: “por fora” e “por dentro”. O primeiro ponto de vista, o “por fora” – sobre o qual essa comunicação se deterá –, é estabelecido a partir da concepção de Coriolano que, através de suas lembranças, mantém, de modo particular, sua relação com o

cangaço; o segundo, o “por dentro”, é o ponto de vista do próprio Lampião que, ao refletir sobre sua vida, revela as angústias de um cangaceiro.

As lembranças da imagem e das ações do cangaceiro surgem no meio da narrativa dando ênfase à percepção do comum no humano; percepção cujo valor é questionado pela memória. Nota-se, com isso, que o novo sentido para os fatos recordados emergem da memória social em contraste com as memórias individuais. Nesse confronto entre as memórias, Dantas evidencia um Lampião particularizado, que expõe-se ao rememorar sua vida e cujas atitudes do passado são colocadas em questionamento ante a situação do presente. Isto faz surgir, diferentemente da imagem de um homem rude, impiedoso e desalmado, um Lampião mais humanizado que se permite ponderar sobre os percursos de suas andanças na vida. Assim, seus sonhos, seus desejos, além de seus momentos de amor em um clima romântico com Maria Bonita, no qual o humano e a natureza aparecem em perfeita harmonia, são expressos de modo singular na narrativa do romance.

Por sua vez, Coriolano, personagem-narrador, vivencia o processo de relembrar fatos que já não podem mais ser modificados. Este personagem é o responsável por trazer Lampião à memória – a questão da memória aqui abordada sob duas vertentes: a social e a individual (HALBWACHS, 2006; SANTOS, 2003), ambas presentes nas lembranças da narrativa de Coriolano. Assim, o personagem-narrador se utiliza da memória social para falar de um personagem histórico conhecido no sertão nordestino e no mundo, mas os detalhes que acompanham as lembranças são apenas conhecidos por ele; são detalhes particulares, individuais. Isso é revelado nos dois encontros entre ele e Lampião. Como quando ele fala do cheiro dos cangaceiros, o narrador usa a expressão “gentinha fedorenta” (DANTAS, 1996:103). Em outra passagem, no primeiro encontro com o bando de Lampião e ao lhe apontarem a cacunda, “Coriolano chega a sentir o festo de sovaco untado a suor ardido lhe enchendo a boca de engulhos!” (idem:102).

Em torno deste ponto são narradas as aventuras e os dramas vivenciados pelos diferentes personagens, históricos ou ficcionais, em meio à ambivalência dos códigos sociais existentes, sobretudo no que tange à questão da honra, em uma sociedade pautada por privilégios, hierarquias e favorecimento na qual os desvalidos defrontam-se com o poder, na medida em que, no imaginário social, seu poder de barganha é, geralmente, considerado quase nulo. Neste sentido, o duplo foco narrativo, nas figuras

de Lampião e Coriolano, representa posturas diferenciadas em face de uma mesma realidade. A postura desses personagens possibilita enfrentar uma sociedade que persiste em subordinar homens e mulheres à dependência e ao jugo de práticas aristocráticas e coronelistas.

Entre o cordel e a jornada

O romance encontra-se dividido em duas partes – “O cordel de Coriolano” e “Jornada dos pares no Aribé” – e um epílogo – “Exemplário de partida e de chegada”. Cada parte revela a mudança de pensamento de Coriolano em relação à vida e, principalmente, à sua condição sócio-econômica, além de descortinar suas mágoas, seus medos e seus desejos.

Em “O cordel de Coriolano” aparecem contados os desfechos da história do personagem-narrador principal. É através deste desenrolar, ou deste contar, que aos pedaços a trama passa a ser desenvolvida. As pistas para desvendar o personagem Coriolano aparecem atreladas aos relatos entrecortados do trágico destino de seus entes queridos. Assim, é possível, a partir dos pedaços, apreender as características físicas e psicológicas das personagens.

De certa forma, o estilo de escrita utilizado por Dantas possibilita fazer uma analogia ao “estádio do espelho” (LACAN, 1998:96-103), na medida em que é esta parte a responsável por, aos poucos, viabilizar ao leitor adentrar na vida de Coriolano e de seus entes queridos. Em um primeiro momento, tem-se o resumo da história que será desenvolvida ao longo da narrativa. Por isso, não seria impróprio dizer que o texto dá a impressão de ser construído como se fosse um fluxo de consciência, no qual o pensamento e a memória caminham livremente buscando realizar uma análise mental do que aconteceu no passado e procurando estruturar o presente.

A análise mental de Coriolano é interrompida pela de Maria Melona e pela de Lampião, as quais conseguem ser encaixadas a partir da necessidade de encadeamento da diegese para compor sua lógica verossímil. Coriolano ocupa o lugar de um “mestre de cerimônia”. As reminiscências de suas lembranças desencadeiam as reminiscências de Maria Melona e as de Lampião. Esses três personagens dão vida aos outros personagens que são trazidos à cena para compor o quadro de suas relações pessoais e sociais em *Os*

desvalidos. Nesse contexto, o papel de regente da narrativa cabe a Coriolano, que permanece vivo e solitário, mas ainda com esperanças de construir um futuro diferente para si.

Coriolano é um personagem que, graças as suas idas e vindas, foi capaz de lembrar o percurso de sua existência e de acreditar em uma nova oportunidade para sua vida. Com a morte de seu maior desafeto, sente a chegada de um novo momento, e ao capturar no ar um novo arejo de esperança: “Faz finca-pé cambaleando, escora-se no cajado, e espicha as mãos para os ares dando um abraço no mundo, se reconciliando com a vida e já sarado dos males” (DANTAS, 1996:15). A notícia da morte de Lampião permite-lhe um arroubo de alegria: estava livre de perseguições e poderia começar, enfim, a colocar em prática seus planos de há muito guardados na cabeça. Uma vez que o “responsável” por sua má sorte havia sido morto pela volante, agora só lhe restava enterrar os mortos e voltar a viver. No entanto, “Zerramo e João Coculo continuam lá [no Aribé], invisíveis, no seu espaço de sombra, mas donos de um estranho domínio, palpáveis, a ponto de, unidos a Felipe no azougue da mesma força atrativa, tornarem Coriolano um homem impressionado” (DANTAS, 1996:50). É com essa impressão que o narrador do romance *Os desvalidos* dá início à saga de personagens que representam homens e mulheres comuns no tempo do cangaço. A narrativa vai sendo construída sobre os escombros de memórias e sobre o aporte da história.

Em “Jornada dos pares no Aribé” tem-se a narrativa dos últimos dias de vida de Zerramo, de Maria Melona e de Lampião. À narração dos fatos que envolvem os destinos trágicos desses personagens soma-se o desalento da vida de Coriolano, que “amarga a própria sorte” (DANTAS, 1996:146). Nesta parte, Lampião, através do monólogo interior, revela seus dramas pessoais e os embates com a percepção de mundo que se instala no sertão. Ele rompe com a perspectiva de “besta-fera” que lhe foi atribuída por Coriolano. O carinho com que traz para a narrativa a presença de Maria Bonita em sua vida e na lida com o cangaço abre espaço para falar da mulher que o fez modificar uma das regras do cangaço. É interessante notar que a personagem Maria Bonita não tem voz própria. Sua presença vai sendo delineada a partir da percepção de um Virgulino apaixonado. Desta perspectiva, ela se torna heroína ao passar por uma batalha entre cangaceiros e uma volante durante as dores do parto. Ao mostrar o lado desvalido de cada um, o sentimento de desamparo acomete esses personagens.

Provavelmente seja este sentimento de desamparo existencial que os leva à condição desvalida da vida.

Nesse sentido, grande parte das personagens são percebidas como desvalidas na medida em que a responsabilidade pela instalação da miséria no sertão d'*Os desvalidos* é imputada às relações sociais, de modo que o espaço geográfico assume também uma característica propícia à consolidação e à ampliação da miséria. Essa região fica a “cerca de três léguas”, e divisa com a parte do fundo da região que ele denomina de Aribé.

Nota-se que sua visão de mundo o impede de aceitar-se preso a uma ideia de limitação sócio-econômica. Seu orgulho aparece também em relação à palavra dada, tendo em vista “que não é homem pra tratar e não cumprir” (DANTAS, 1996:20). Ao manter-se preso a valores sociais e morais ligados à tradição, Coriolano se permite enfrentar a angústia de viver em uma sociedade cujos valores encontram-se em transição. Falta-lhe o tato para ajustar-se a essa nova ordem social. Uma sociedade que insiste em exigir comportamentos corretos, ao tempo em que ela faz uso abusivo de muitos comportamentos reprováveis. Para esse personagem, isso não é algo fácil de aguentar.

No jogo de se mostrar e de se esconder, Coriolano criou para si uma máscara tal qual às do teatro grego, a da alegria e da tristeza, cuja face revela um homem de poucas palavras, sisudo e fechado em si. Um personagem a ser decifrado. Por se mostrar de modo fragmentado – como o pensamento e a memória que são ou entrecortados por outros pensamentos e lembranças ou coexistentes em um mesmo lapso temporal –, ele possibilita ser apreendido a partir de um número variado de perspectivas.

O ato de escrever e a expressão da verdade

Em um mundo fragmentado, onde as lembranças surgem como catalizadoras de ganhos e perdas, Coriolano aparece como um personagem cujo desejo de mudar o impede de aceitar uma vida na qual não seja senhor de si. Aos cinquenta e um anos de idade, após um longo período de espera, põe-se a lembrar. Mas quem é Coriolano? Como Lampião encontra-se entrelaçado à sua vida? Qual a ânsia que ainda lhe mantém vivo? Por que Dantas o escolheu como seu principal ângulo de visão? Estas perguntas são norteadoras para imprimir o curso de uma leitura investigativa sobre *Os desvalidos*. A carência inicial é conhecer esse personagem que de seu canto, em pleno processo de

labuta, escuta a notícia por demais ansiada. A partir desse primeiro encontro, começa a ser desenhada a figura de um sertanejo que, sentindo-se outra vez em liberdade, volta-se para suas próprias memórias com o objetivo de juntar, ou melhor, como diria o próprio Coriolano, “ajuntar” (DANTAS, 1996:11) os pedaços de seu passado. É através dessas lembranças, das análises mentais e da ironia para com seus correligionários, que esse personagem é revelado. Lembranças capazes de promover sua libertação das amarras sentimentais utilizadas para imprimir-lhe uma espécie de flagelo pessoal. Sua intenção a partir daí é sentir-se livre e recomeçar mais uma vez, como ele mesmo descreve esse momento, Coriolano “parece um sujeito que pegou trinta anos de cadeia, e que enfim de porta aberta para a fartura do mundo, se descobre um suplicante escoteiro, sem irmandade com nada” (idem:19).

Inicialmente, a sensação de liberdade faz Coriolano assumir uma postura nova em relação ao passado e em relação à vida. Essa nova postura, de cunho otimista, gera nesse personagem “acacundado e choquinho” (idem: 25) a expectativa de uma vida melhor na qual a fartura e o sossego fazem parte do sonho de retornar para sua estalagem. Do desprezo ao material de trabalho que vai das correias de couro às ferramentas utilizadas no ofício de tamanqueiro, o arejo de liberdade é sentido por ele. Mas esse entusiasmo inicial aos poucos vai cedendo lugar a uma percepção do cotidiano que o obriga a repensar suas atitudes de desdém: “Vai ao boião do café, sacode-o pela asa, e além da borra fria não encontra nada. Bicho caro da peste, e rugoso de se aviar: tem de ser torrado, batido no pilão – e ainda assim pouco rendoso!” (idem: 17). O café funciona na cena como o elemento de ligação e confronto entre os dois mundos vivenciados por Coriolano: o da imaginação e o da realidade. No primeiro, a liberdade abre suas asas e o faz viajar imaginariamente renegando sua atual situação; já no segundo, a realidade confronta-o com a falta atual: o café. Na luta entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, este último o traz de volta à vida real, obrigando-o a rever suas atitudes.

O olhar de Coriolano em relação ao ofício aprendido com o mestre Isaías, e agora relegado ao trabalho de tamanqueiro, mostra como a desvalorização de certas atividades profissionais foram ocorrendo em razão das mudanças sociais por ele vivenciadas. Nota-se o ritmo diferenciado entre o progresso e o ritmo da vida no sertão. O descompasso revela o lado escuro do progresso que passa a encaixar certos ofícios de modo precário, desqualificando aquilo que outrora assumia uma posição de destaque.

As relações sociais passam a ser estabelecidas em um jogo político mais complexo e que constantemente entra em choque com a visão de mundo dos sujeitos que a ela não conseguiram se ajustar. A necessidade de ser reconhecido pelos correligionários da cidade de Rio-das-Paridas faz com que Coriolano queira ter um negócio só seu e que seja rentável, pois do ofício de tamanqueiro tirava apenas o suficiente para sobreviver. Mas este era o único modo que ele tinha para garantir-se vivo naquela cidade.

Ele, então, põe-se a lembrar os momentos mais importantes de sua vida. Vê no desejo de cumprir a promessa feita a seu tio-avô o ponto inicial de sua derrocada. Seu passado quer falar. As passagens memoradas têm o objetivo de proporcionar a libertação desse homem que viveu sob a égide do medo durante um bom tempo, pois vivera “torturas mais do que o comum dos homens, padecera tudo na força do trabuco. Está esvaziado... E as vozes mortas o arrastam a seu castigo” (DANTAS, 1996:20). Ao revelar que essas vozes pedem para sair, pois seu cérebro encontra-se excitado devido ao acúmulo de energia e precisa ser descarregado, revisita seu passado para aliviar-se de seus fantasmas. Com a abertura de uma brecha no tempo, ele lembra que logo após o seu último retorno do Aribé à cidade de Rio-das-Paridas, “ainda impressionado de fresco com o desatino de compadre Zerramo e tio Felipe, comprou tinteiro, pena e caderno” (idem:20) para que essas vozes sossegassem em sua consciência.

A partir daí ele procura visitar as pegadas de Felipe e Zerramo com a obrigação de tornar conhecido o sofrimento deles. Diante do exposto, é possível dizer que “O cordel de Coriolano” representa a luta de um homem para relatar a verdade dos fatos que vivenciou sem cair nas armadilhas da construção literária que dão vazão ao imaginário, ao mesmo tempo em que Coriolano deseja atribuir uma feição heroica a Zerramo e a Felipe. Mas como fazer isso sem ser traído pela memória ou pela rima e pelo ritmo da escrita do cordel? Será possível unir os fatos históricos, sem distorcê-los, à criação literária, imprimindo-lhe a alcunha de verdade? Ele que, assim que aprendeu a ler, ficou encantado com os textos em cordel, e por saber que estes eram uma mistura de realidade com ficção nasce-lhe a vontade de ser cordelista. Esse personagem também tinha consciência de que graças a essas leituras conseguiu continuar sobrevivendo após o início de sua quebradeira financeira, quando perdeu a botica e “levou mais de ano sem arrumar uma triste colocação”. Então se apegou a seus cordéis e “leu com tal afínco e tal prazer que amoleceu as preocupações, enfiado no seu cancionero de tão boa gente.

Ainda hoje soletra de memória quase toda *A vida de Cancão de Fogo e seu testamento, e Os doze pares de França*” (DANTAS, 1996: 29 – grifos do autor).

A relação de Coriolano com a leitura começou por causa de seu tio-avô, que ao recebê-lo em sua casa, logo o tomara para filho, e com determinação “empurra-o no educandário do padre Manuel Fonseca”. Com a insistência para que o sobrinho estudasse, este se interessou pela leitura e só “não gostava de conta de tabuada” (Idem: 26). Após ter comido “o pão que o diabo amassou”, algum tempo depois de fugir da casa paterna, foi na casa desse tio que encontrou abrigo. O orgulho do sobrinho-neto por ter-se saído bem nos estudos o fez deixar-lhe sua herança: a botica. Coriolano conseguiu assim, por um curto período de tempo, mudar sua situação financeira.

Foi por causa do desenvolvimento dessa habilidade, a leitura, que Coriolano criou a expectativa de, ele próprio – uma vez que era o guardião dos fatos –, ser o narrador da história de seus dois entes mais amados: o tio Felipe e o compadre Zerramo. A essa necessidade de dizer a verdade, pode-se notar uma dupla função: a primeira, relatar até aliviar a tensão da energia acumulada no aparelho psíquico depois da perda trágica do que lhe era mais caro, e a segunda, ressignificar a dor e o medo para que pudesse recomeçar mais uma vez (DANTAS, 1996: 20-21).

A dificuldade sentida pela falta de treino com o exercício da escrita fez Coriolano desistir de realizar seu desejo. Este trecho também pode ser visto a partir da relação do escritor, Francisco Dantas, com sua criação, o romance em questão. Apontar através da metalinguagem a difícil tarefa que envolve a criação literária possibilita revelar uma dupla função: se, por um lado, estabelece que o ato de escrever requer do escrevente o hábito e a paciência para fazer e refazer o mesmo texto até o momento em que seja considerado pronto para ser publicado, por outro, direciona a percepção de que o texto em questão é uma produção da linguagem. Isto é, a obra *Os desvalidos* é apenas uma criação literária cujo autor fez uso de fatos históricos para promover a verossimilhança dos fatos narrados por Coriolano. O autor provoca o leitor a situar-se em pleno processo de produção de uma verdade. Não é a Verdade; é apenas uma verdade.

A utilização dessa correlação entre fatos ocorridos no mundo real e fatos narrados em mundos ficcionais não pertence apenas à natureza do cordel, mas também pertence à própria arte. Este duelo entre literatura e história é bastante antigo – Platão e Aristóteles que o digam –, e o pobre coitado do Coriolano, ao utilizar-se da metalinguagem, ao

discutir a dificuldade do processo de criação de uma narrativa em cordel, desconhecia que o discurso, assim como a linguagem em sentido amplo, faz parte da criação humana, e como tal é incapaz de dar conta do real.

Em outras palavras, a linguagem que possibilita a criação do discurso proporciona ao homem gerar outros discursos. Talvez seja possível de discurso em discurso tocar a superfície do real em diversos pontos, mas com certeza será impossível apreendê-lo completamente.

Dessa forma, quando Coriolano busca a verdade, ressuscita também outra velha polêmica: a quem cabe relatar a verdade: ao historiador, que escreve fatos que aconteceram, ou ao escritor, ao poeta, que fala do que poderia ter acontecido? Ambos fazem uso da imaginação e da realidade; ambos falam a partir de uma subjetividade: a de quem escreve. O ato de escrever implica o ato da criação. Um historiador, ao narrar um acontecimento, precisa transformá-lo em algo inteligível. Caso contrário, todo o seu esforço terá sido em vão, pois o historiador reconstrói o passado a partir dos restos/registros que chegam até o presente. Nesta perspectiva, pode-se inferir que são os restos/registros que marcaram a memória de Coriolano e que estão querendo ser reorganizados para que possam ser compreendidos no presente.

Coriolano gosta de ler cordel, mesmo consciente de que esse tipo de texto traz em sua narrativa um misto de ficção e de verdade, ainda que seja uma narrativa completamente inventada, mas o herói criado eterniza-se nas páginas escritas e seus atos acabam se tornando exemplos para o presente. Essa percepção da função da literatura – de dar o exemplo a ser seguido – é algo muito recente que data do século XIX com a instituição da ideia de nação (EAGLETON, 2006).

A essa conclusão Coriolano não pôde chegar, pois a separação entre ficção e realidade era muito nítida para ele. Suas certezas enraizadas na tradição construída pela sociedade não o permitiam ver outra espécie de relação entre a ficção e a realidade; e, diante dessas condições, impossibilitavam-no assim de atingir esses meandros da linguagem e sua relação a um referencial e, conseqüentemente, ao real.

Mas o jogo da linguagem possibilita à criação literária fazer uso do sertanejo como personagem-narrador, inserindo-o dentro de uma perspectiva humanista e universalizante a partir da referência ao cangaço, à seca, à miséria, à angústia de um homem ou de uma mulher comum. Este é o mesmo jogo que cria um mundo ficcional.

Neste sentido, a narrativa das memórias de Coriolano e a sua relação com o cangaço não apenas são revestidas de dilemas e de tomadas de decisão, como também suscitam situações, sentimentos e desejos experimentados por homens e mulheres ao longo da existência humana.

Grosso modo, pode-se dizer que o cordel, para Coriolano, seria o veículo utilizado para expressar conhecimento e, ao mesmo tempo, possibilitar ao leitor sentir prazer, tendo em vista que sua intenção ao escrever consistia em melhorar as relações entre os homens. Logo, histórias de vida como as de Felipe e de Zerramo deveriam servir de exemplo para a humanidade. Aqueles fatos trágicos deveriam ser conhecidos para que não voltassem a acontecer.

No entanto, Coriolano desconhece que, mesmo com sua capacidade de análise das relações sociais, acontecimentos isolados carecem de ser organizados em uma estrutura discursiva capaz de correlacioná-los a outros acontecimentos, isto é, um fato em si não é passível de análise. É imprescindível verificar a conjuntura sócio-político-cultural e econômica que o envolveu; dessa forma é possível elaborar uma análise mais profunda e capaz de ser identificada pelos leitores ou como um fato histórico, ou como uma história verossímil.

Para ele, o cordel, enquanto texto escrito, teria a função de expressar uma verdade; verdade esta dolorosa, mas que através do prazer estético sobreviveria para além do tempo presente. A verdade ficaria eternizada. Assim o cordel teria a capacidade de influenciar as gerações futuras, na medida em que o encantamento provocado no leitor estimularia a questionar sobre a necessidade de produção de fatos como aqueles. É esse encanto – o propiciado pela estética literária ao leitor – que Coriolano deseja suscitar em sua escrita. Contudo, ao perceber que lhe falta algo, surge o questionamento quanto ao valor estético de sua escrita. Será que ele tinha o dom da escrita, o dom da criação, o dom de um estilo todo seu, capaz de encantar o leitor? A resposta não se demora a chegar. A negativa aparece quando ele começa a ler o que escrevera com tanto afincio. Ao perceber a falta de vida, de estímulo, de paixão em sua escrita, decreta por encerrada essa tentativa de se tornar cordelista, pois não consegue entender a criação literária, no caso a do cordel, sem a perspectiva de o texto estimular prazer e de suscitar esperança no leitor (DANTAS, 1996: 22). Este é um ponto interessante abordado por Dantas, pois Grunspan-Jasmin, em sua obra *Lampião: senhor dos Sertões*, esclarece que isso ocorre

devido à cultura nordestina ser em grande parte oral. Esta é a razão de estudiosos sobre as temáticas do cangaço e do sertão também utilizarem a literatura de cordel como fonte histórica (GRUNSPAN-JASMIN, 2006: 44).

Essa percepção de guardar “as chaves que os documentos oficiais não possuem” revela como a literatura de cordel, e por que não dizer a Literatura, contém informações capazes de revelar ambivalências, assimetrias e peculiaridades da sociedade em que foi produzida. Na percepção de Coriolano, personagem-narrador, e de Grunspan-Jasmin, estudiosa do tema, o cangaço faz parte das relações sociais de um período da história do Brasil que aparece multifacetado na produção literária. Em outras palavras, a literatura guarda em sua própria constituição o registro de diferentes versões de acontecimentos reais que alimentam e são alimentados pelo imaginário social e cultural. Desta forma, o desejo de Coriolano de produzir um texto narrando a vida de Zerramo e a de Felipe implicaria também falar do cangaço, na medida em que este fenômeno social contribuiu dando o golpe final para causar a morte do primeiro e a loucura do segundo.

A desistência do personagem Coriolano de correr atrás da estética cordelista põe termo ao processo de criação. Às vezes, esse processo pode ser atribuído a uma qualidade especial, a algo divino. No entanto, o árduo trabalho e o esforço dispensado ao exercício de escrever, ler e reescrever, necessários a este tipo de produção, não devem ser desprezados. Dessa forma, buscar relatar a verdade ou criar a verossimilhança em um texto faz o escritor passar por alguns percalços.

A necessidade de exteriorizar, através da escrita, o que vivenciara possibilitaria sentir-se em liberdade e reconcilia-se consigo. O aparelho psíquico clamava por diminuir a tensão que experimentara. Precisava falar, precisava colocar para fora tudo o que estava sentindo. Esta seria a forma encontrada para dar um grito que fosse capaz de chamar a atenção do mundo para si, para o sofrimento que sentia. A dor da perda e da separação fizeram-no perceber-se sozinho no mundo. Agora precisava de algum jeito falar. Tinha muita informação para revelar: sua experiência de vida e a de seus entes queridos. Não podia se calar, pois não dava conta de guardar para si a dor que estava sentindo. Mas a diferença entre o que se quer e o que se consegue pode ser bem considerável. No entanto, a descarga parcial da tensão do aparelho psíquico foi realizada com sucesso: queria a verdade em seu cordel; não queria a “pachorra de inventar”. Com o ato da escrita viabilizou o fluxo de consciência, estabilizando seu aparelho psíquico.

A guisa da conclusão

A verdade na narrativa de Coriolano aparece em oposição ao diabo, que personifica a mentira, do engodo, da falsidade. É a desculpa que Coriolano encontra para abandonar aquela atividade que não conseguia mais dar conta de realizar. Por isso, atribuir ao diabo a responsabilidade por não conseguir escrever o que pretende, mesmo de modo trivial, implica desobrigar-se com a escrita. O diabo está fora de Coriolano. Este passa a ser uma vítima daquele. E é nessa perspectiva que ao diabo cabe ser atribuída a culpa por uma empreitada mal-sucedida.

Coriolano não havia se preparado o suficiente para colocar em seu texto “termos que chameassem de vida”. Como colocar vida no papel se seu próprio ser carecia de alegria, carecia da própria vida? Como encantar o leitor se a vida já o havia desencantado quase que completamente? Mas, como na caixa de Pandora, ainda restava-lhe a esperança. Esperança em uma vida melhor sem a presença do cangaço, sem Lampião ou as volantes para atormentarem-lhe a vida. Ele queria escrever não a partir de si, mas a partir de uma ideia preconcebida que não vinha de seu íntimo, mas de uma ilusão. Sua esperança na vida o fazia ficar de pé, e sua vontade, inconscientemente satisfeita, permitia-lhe sobreviver.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora Fornoni Bernadini et all. 4 ed. São Paulo: Hucitec; Editora UNESP, 1998.

CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião: o rei do cangaço*. Tradução Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

DANTAS, Francisco José Costa. *Os desvalidos*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

EAGLETON, T. *As ilusões do pós-modernismo*. Tradução de Elizabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GRUNSPAN-JASMIN, Élise. *Lampião: Senhor do Sertão: vidas e mortes de um cangaceiro*. Tradução Maria Celeste Franco Faria Marcondes e Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5 ed. Rio de Janeiro: D&P, 2001.

Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985b.

_____. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Trad. Adelaide La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

LACAN, Jacques. *O seminário: Livro 05: as formações do inconsciente*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985a.

_____. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *O seminário: Livro 04: a relação de objeto*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. *O seminário: Livro 20: mais, ainda*. 2 ed. Versão brasileira M.D. Magno. Rio de

_____. *Outros escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

MATTELART, Armand, NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Tradução Marcos Marcionilo. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SANTOS, Mirian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

VECCHI, Roberto. “A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento do tempo dentro e fora do cânone modernista”. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2001, pp. 457-470.